

CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS

EDUARDO LEONEL CORRÊA CARDOSO

Ciclo II – Quarta-feira às 18hs

NARCISISMO E UTOPIA EM *SAMPA*

São Paulo

2015

SAMPA

Alguma coisa acontece no meu coração
 Que só quando cruza a Ipiranga e a avenida São João
 É que quando eu cheguei por aqui eu nada entendi
 Da dura poesia concreta de tuas esquinas
 Da deselegância discreta de tuas meninas

Ainda não havia para mim, Rita Lee
 A tua mais completa tradução
 Alguma coisa acontece no meu coração
 Que só quando cruza a Ipiranga e a avenida São João

Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto
 Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto
 É que Narciso acha feio o que não é espelho
 E à mente apavora o que ainda não é mesmo velho
 Nada do que não era antes quando não somos Mutantes

E foste um difícil começo
 Afasta o que não conheço
 E quem vem de outro sonho feliz de cidade
 Aprende depressa a chamar-te de realidade
 Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso

Do povo oprimido nas filas, nas vilas, favelas
 Da força da grana que ergue e destrói coisas belas
 Da feia fumaça que sobe, apagando as estrelas
 Eu vejo surgir teus poetas de campos, espaços
 Tuas oficinas de florestas, teus deuses da chuva

Pan-Américas de Áfricas utópicas, tórumulo do samba
 Mais possível novo quilombo de Zumbi
 E os Novos Baianos passeiam na tua garoa
 E novos baianos te podem curtir numa boa

Caetano Veloso em "Muito – Dentro da Estrela Azulada", de 1978.

Narcisismo, ou “alguma coisa acontece no meu coração”

“Alguma coisa acontece no meu coração” porque ele, invariavelmente, será tocado, atravessado; o coração está para que algo aconteça com ele, nele – algum descompasso, uma reviravolta, o avesso. Quando o outro passa a ocupar o sujeito, é só então que ele começa a se constituir. O sujeito se faz a partir do outro; na psicanálise não há autoconhecimento, por não se tratar de “conheça a ti mesmo”; nesse saber, “num último recurso, devemos começar a amar a fim de não adoecermos”¹. Caetano Veloso canta “alguma coisa” porque não se trata de conhecimento, mas de sentimento, afeto: amor.

O coração é carne, *soma*; “alguma coisa” é *psique*. Todo e qualquer acometimento no sujeito será psicossomático, posto que sua constituição é por correspondência – em uma dupla-implicação, circuito, de um polo a outro em contínuo fluxo contingencial. O estímulo psicossomático que provoca o “alguma coisa” é um lugar: o cruzamento das avenidas Ipiranga e São João – mas poderia ser o encontro do corpo do sujeito com o de um outro. A imagem e a cadeia de significantes desencadeiam no sujeito o mal-estar do “alguma coisa”, que faz palpitar o coração, causa desconforto, asfixia, suscita suspiros. Uma efusão de afetos que alenta o sujeito; é do alento do outro que ele se constitui.

O corpo do outro pode ser um lugar; o outro o pode – o espaço, o campo aonde o sujeito irá se constituir. Projetando-se para fora de si, na busca pelo outro, o sujeito irá reconhecer-se. Ao nascer – ou mesmo antes – a criança é acolhida na rede de afetos-significantes, donde ela irá emergir singularmente na medida em que se estrutura psiquicamente. Essa estruturação, que é a constituição do sujeito, se dá na troca dos afetos. A criança, ao ser estimulada, é erotizada – ou

¹ “Um egoísmo forte constitui uma proteção contra o adoecer, mas, num último recurso, devemos começar a amar a fim de não adoecermos, e estamos destinados a cair doentes se, em consequência da frustração, formos incapazes de amar”. (FREUD, S. *Sobre o narcisismo: uma introdução*. p. 92).

seu corpo, será para ela, objeto de escoamento do desprazer, estímulo pulsional, alento para sua *psique*, medida de estrutura do aparelho psíquico. Erotizar-se é vincular-se ao outro, distender-se no universo simbólico, estruturar-se em linguagem – ou, possuir o aparelho psíquico formado: Isso, Ego e Superego.

O narcisismo é condição precípua na trajetória constitutiva do sujeito. Ele não alcança a dissolução do Édipo sem antes passar por esse caminho de busca por si. O narcisismo pode ser entendido por uma busca do sujeito por si mesmo, visto que no projetar-se para fora de si, na busca identificatória no outro, o sujeito trilha o caminho da construção de si, contingencialmente, sem a intenção deliberada de fazer das partes erotizadas do seu corpo, um todo; ele sedimenta o terreno para que seu aparelho psíquico se constitua: trata-se dos instantes iniciais da formação do Eu, os processos primários, e nesse bojo o *estádio do espelho*².

“Narciso acha feio o que não é espelho” porque ele precisa se ver, e ser visto (só depois ver o outro, ou não vê-lo); ora, só se vê aquilo que possui uma forma, uma identidade mínima que o distingue das formas dos objetos e espaço adjacentes. É que Narciso já é um Eu, que se constituiu a partir de um espelho: o outro. Segundo Jacques Lacan, no seu ensaio sobre o *Estádio do Espelho*, lê-se:

Esse desenvolvimento é vivido como uma dialética temporal que projeta decisivamente na história a formação do indivíduo: o *estádio do espelho* é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo seu desenvolvimento mental.³

² “[...] posso ressaltar que estamos destinados a supor que uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido. Os instintos auto-eróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo”. (FREUD, S. *Sobre o narcisismo: uma introdução*. p. 84). Essa “nova ação psíquica” será o *estádio do espelho*, teoria desenvolvida por Jacques Lacan.

³ LACAN, J. *O estádio do espelho como formador da função do eu*. In.: Escritos. p. 100.

O problema é encarar o outro na cidade, e não se ver, não se reproduzir no outro – que, por vezes, está/é interditado, pelo concreto, quando ele não é poético⁴. Assim, em *Sampa* a cidade de São Paulo é um espelho turvo, com formas excrescentes, distante da sinuosidade das curvas do Edifício Copan. Cidade des-identificável, inviável à interdependência subjetiva, que pode ser considerada o cerne da teoria do *estádio do espelho*. O que Lacan propõe nas linhas acima é uma teorização da alteridade psicanalítica, no vínculo da interdependência alienante do sujeito para sua constituição. Sem a constituição de uma imagem, e tampouco a visão dela, o sujeito precipita-se na fragmentação espacial de si, na atrofia ortopédica das suas partes erotizadas, no seu Ego – dispersas na geometria singular desse sujeito despedaçado. É que no ver e ser visto, mais do que imagem e juízos estéticos estão em jogo; nesses movimentos escópicos as partes do sujeito são ajuntadas e a vida é inflada.

A beleza por sua vez, própria das discussões relativas ao narcisismo⁵, está em ver e ser visto, e com isso convocar o sujeito à vida – ela é sempre relacional, porque está em trânsito, é transitória; a beleza tem mais sentido em relações do que na solidão. Por isso a beleza pode ser imobilizante, paralisante – é o que nos mostra o caso de Narciso. Admirando a si mesmo, vendo o reflexo de sua imagem no espelho d'água, Narciso está parado, prostrado na beira do lago. Essa observação merece destaque devido ao imobilismo que ronda o narcisismo – no inclinar-se, prostrar-se e fixar-se no espelho d'água⁶; a identificação junto à imagem projetada no espelho pode atrair, seduzir o sujeito, para além de contribuir para a formação da função do Ego. O destino final desse movimento introjetivo pode

⁴ A exemplo das curvas no/de concreto do Edifício Copan, de 1966, projetado por Oscar Niemeyer.

⁵ Já que “Narciso acha feio o que não é espelho”.

⁶ O imobilismo não é apenas estático; é psíquico também, posto que ele funcionará em um círculo compulsivo, bloqueado, imobilizado para além dessa repetição da contemplação de si mesmo.

ser o Nirvana, a morte, isto é, a ausência de investimento do sujeito em si mesmo oriunda do *imobilismo narcísico* – que é o ensejo para a melancolia, e de onde podemos inferir a face melancólica da beleza.

Narciso quer o espelho não porque ele queira apenas a si mesmo; ele o quer por repelir o que vem de fora, o novo⁷. Esse movimento narcisista pode ser aproximado ao que Freud, no *Além do princípio do prazer*, nomeou por *pulsão de morte*⁸ – a gênese etiológica do imobilismo narcísico. O espelho carrega consigo a dualidade vida e morte, posto que é condição para a constituição do sujeito – via o outro, que será o reflexo da unidade constitutiva, a referência –; mas, concomitantemente, desse movimento projetivo, a fixação no outro (ou no reflexo de si, no próprio Eu), pode ser o ensejo para a reatividade introjetiva imobilista. Para se constituir o sujeito precisa passar pelo o outro – e este por aquele. Imobilizado na beira do lago, Narciso não oferece ocasião para que o outro o percorra; encerrado em si mesmo ele se precipita rumo ao declínio, seu próprio desinvestimento e morte. É que para se construir o sujeito precisa amar, o que requer sair de si mesmo, assumindo os riscos desse movimento, e sendo alento para si e para o outro – um circuito de afetos precisa ser estabelecido, para que a vida se sustente e a existência seja possível. A condenação de Narciso não foi à morte, ou ao tédio, ou ainda à escravidão de sua própria beleza – ou até mesmo todas essas possibilidades juntas. Antes disso tudo, que também pode ser verdade, Narciso foi condenado à solidão. A solidão é a paralisia do amor – é o não-amor, por isso é

⁷ Em *Sampa*, Caetano Veloso canta: “e à mente apavora o que ainda não é mesmo velho”.

⁸ “*Um instinto seria um impulso, presente em todo organismo vivo, tendente à restauração de um estado anterior, que esse ser vivo teve de abandonar por influência de perturbadoras forças externas, uma espécie de elasticidade orgânica ou, se quiserem, a expressão da inércia da vida orgânica.*” FREUD, S. *Além do princípio do prazer*. p. 201-202.

também indiferença (quando o sujeito se isola, por repelir o outro)⁹. Na *Sampa* de Caetano Veloso a solidão perpassa, à espreita, os versos, na sutiliza do contraste melancólico com a beleza discreta “da deselegância de tuas meninas” – é o embate de Eros e Tântatos, à *lá* Veloso. Eis uma ajuda na compreensão da face narcísica que Freud implicou no amor. Isso nos faz pensar que o amor guarda em si algo de solitário, como se, paradoxalmente, ao amar, estivéssemos sós – mesmo quando o sujeito não se fechou em si mesmo, no reflexo de si mesmo, no espelho. É que quando se ama, a saída é de si, isto é, o desenlace/desdobramento tem como ponto de partida o próprio sujeito, que se verá solitário no amor pelo outro, não por não saber amar, mas por não saber o que é o amor – o que não o impedirá de amar, já que todos os saberes carregam consigo o não-saber, e isso não nos impede de viver. O sujeito amará à sua maneira; todo amor é singular, na medida em que se ama, mesmo que acompanhado da solidão existencial do humano, frente ao desamparo. Em extremo, com Freud, podemos afirmar que o sujeito pode amar a si mesmo, o que também revela a experiência solitária do amor – mesmo quando se trata da “mulher que o alimenta” e/ou “o homem que o protege”.

Uma pessoa pode amar:

- (1) Em conformidade com o tipo narcisista:
 - (a) O que ela própria é (isto é, ela mesma),
 - (b) O que ela própria foi,
 - (c) O que ela própria gostaria de ser,
 - (d) Alguém que foi uma vez parte dela mesma.
- (2) Em conformidade com o tipo anaclítico (de ligação):
 - (a) A mulher que a alimenta,
 - (b) O homem que a protege.¹⁰

⁹ Essa solidão é diferente daquela do desamparo, afinal, diante dele estamos sós. Por isso o desamparo será sempre singular; uma experiência solitária do sujeito.

¹⁰ FREUD, S. *Sobre o narcisismo: uma introdução*. p. 97.

Nesse último caso o ponto de partida é o sujeito, cuja intenção é amar, o outro (Eros) – e a solidão participa dessa projeção e transferência de si, do amor de si ao outro. No caso narcisista da fixação no espelho, parte-se do sujeito, cuja intenção é amar, mas o Eu, exclusivamente (Tânatos) – o que não é o amor relacional, erótico (é, no máximo, autoerotismo, ou uma forma de autismo); aqui a solidão envolve o sujeito nesse movimento, mais do que participa dele. Trata-se da solidão narcísica, que repele o outro¹¹.

O Narcisismo Fora de Lugar

O solipsismo derivado do narcisismo primário *fora de lugar* desdobra-se como corrosão nos laços afetivos que constituem as redes de significantes que vinculam os sujeitos em uma dada realidade. Não por acaso Freud infere a morte como sendo endógena, constitutiva do sujeito, objetivo da vida¹². O narcisismo fora de lugar é aquele vivenciado pelo sujeito como interdito (ou impeditivos conflituosos) para seu investimento – sobretudo de ordem moral. É o enrijecimento do ego, o encerramento em si mesmo que se impõe como obstrução nas aproximações junto ao outro, cuja posição será a do *pequeno outro*, opositor, rival ameaçador do *eu ideal*¹³. Esse ego engessado é aquele que não se lança ao outro, e que morre – endogenamente, como Freud advertira. É que para se sustentar psicicamente, requer-se do sujeito investimento no outro. Nesse sentido, o eu ideal, necessariamente, terá que se abrir, para que possa se estabelecer a transferência do afeto. Só assim, mediante tal abertura, o sujeito poderá alcançar o

¹¹ Não aquela solidão do desamparo, que é ensejo para o outro.

¹² FREUD, S. *Além do princípio do prazer*. p. 204).

¹³ “O narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a esse novo ego ideal, o qual, como o ego infantil, se acha possuído de toda perfeição de valor. Como acontece sempre que a libido está envolvida, mais uma vez aqui o homem se mostra incapaz de abrir mão de uma satisfação de que outra desfrutou. Ele não está disposto a renunciar à perfeição narcisista de sua infância [...]”. (FREUD, S. *Sobre o narcisismo: uma introdução*. p. 100).

fora, o novo, o outro. O conflito se estabelece nesse ponto, quando diante da necessidade iminente da abertura, o sujeito recua, dada a prevalência do eu ideal; o princípio de constância atua, e a pulsão de morte se sobrepõe.

Em *Sampa* Caetano Veloso pôde imprimir nas linhas dos seus versos as contradições que, após mais de 30 anos, continuam atuais. Essa atualização das impressões sociais da cidade de São Paulo está também acompanhada das impressões psíquicas que a pulsão traceja na psique do sujeito. É a constituição da realidade, que no caso de *Sampa*, está marcada pela irrupção da compulsão à repetição também na cultura – no paralelo entre uma estrutura psíquica e outra social. Os sintomas vividos por Narciso podem ser conferidos também na ordem social, “do povo oprimido, nas filas, nas vilas, favelas / na força da grana que ergue e destrói coisas belas / da feia fumaça que sobe, apagando as estrelas”. Quando Narciso não se vê, e já por não ver o outro, a realidade torna-se opaca, cinzenta, concreta – precária na relativização simbólica da linguagem, rudimentar, portanto. A possibilidade de pensar o impensável, da produtividade inventiva oriunda da indeterminação do vir-a-ser humano sucumbe à corrosão do desinvestimento narcísico, no paradoxo do narcisismo – seu deslocamento descompassado diante do movimento dos afetos, das relações, dos laços humanos.

A correspondência da estrutura psíquica sujeito-sociedade se nota, ainda, nos sintomas da compulsão à repetição, que no caso de *Sampa* vem “da força da grana que ergue e destrói coisas belas”. Na “grana” convergem a criação e a destruição, e nessa convergência se encontra o paradoxo que movimenta a realidade, com o importante detalhe que esse movimento pode ser de um círculo de gozo, cuja finalidade é ele mesmo: um movimento compulsivo-repetitivo. A consequência imediata desse movimento é a opressão, o empanamento dos

sujeitos, seus esvaziamentos¹⁴. Eis a melancolia que perpassa os versos de *Sampa*. O brilho que Caetano Veloso imprimiu na canção está no movimento poético-musical que oscila entre Eros e Tântatos – e que irrompe na opacidade cinzenta da melancolia paulistana, nas distâncias que clivam os sujeitos.

“Pan-Américas de Áfricas utópicas”

As “Pan-Américas de Áfricas utópicas” são as “visões do paraíso”, a “terra prometida”, as utopias. No caso de *Sampa* o lugar é utópico: a cidade. Mas poderia ser também o cruzamento das avenidas Ipiranga e São João, e o sentimento de “alguma coisa” que ele traz ao coração. Utopias descrevem lugares, nos quais a ordem social seriam as melhores a serem fruídas¹⁵. Mas, tais lugares estão inscritos, antes, na ordem simbólica do sujeito – e, portanto, carregam consigo afeto. O mesmo lugar que evoca um sentimento, quando presenciado, também pode ser vivenciado na ausência dele – e mesmo quando ele não fora presenciado, mas imaginado, pensado, fantasiado (não por acaso a hipótese de traumas psíquicos serem provocados por fantasias também é cogitado na etiologia das neuroses). Nesse sentido, mais do que descrição de lugares, o que está em questão nas utopias é o sentimento, o afeto que é ou não investido, vivenciado, transformado em sentido para a existência.

O mal-estar de *Sampa* é o da própria condição paradoxal humana, sem promessas utópicas, visto que elas não se fizeram presentes, tal como se

¹⁴ “Se o caráter, como invariante que é da subjetividade, se dilui e mesmo desaparece, o sujeito não possui mais qualquer projeto de existência. Deve apenas se adaptar às oscilações e variações do mercado de trabalho, procurando apenas sobrevivência. Com isso, acaba por ser tragado pela *fadiga de si mesmo*, tal como Ehrenberg procurou interpretar a disseminação da depressão na contemporaneidade. Seria esta fadiga de si mesmo uma outra figura crucial para se falar do vazio e da desposseção de si na contemporaneidade”. (BIRMAN, J. *O sujeito na contemporaneidade*. p. 123).

¹⁵ Mas, é válido que se traga à baila a outra face das utopias, isto é, as *distopias*, uma espécie de degeneração das utopias, nas quais as promessas de perfeições humanas e sociais se notam, mas com algum mal-estar, paradoxalmente, o da necessidade da imperfeição – condição para a liberdade (por isso, em geral, as distopias são formas totalitárias de organização social). *Sampa* não é utopia nem distopia, mas se aproxima da primeira.

esperava da cidade de São Paulo. Na canção a utopia aparece como menção atribuída a São Paulo, mais do que a cidade como exemplo utópico. Os paradoxos, as dualidades presentes na teoria psicanalítica, no pensamento de Freud, por exemplo, inviabilizam qualquer utopia; a psicanálise está às voltas mais com o *realismo* do que a *utopia* – que é o caso de *Sampa*, uma canção com um realismo melancólico, e algum brilho utópico.

Mas, se a utopia for pensada sob outro viés, cujo brilho é o de um raio de sentido na poluição do (in)visível, poderemos pensar, com Maria Cristina Poli, outros potenciais da e para a utopia, conforme suas palavras abaixo

As perspectivas utópicas nos colocam sempre diante da possibilidade de esburacar o tecido repetitivo com o qual nos cobrimos para enfrentar as intempéries da vida. [...] pois tenta fundar um novo lugar de enunciação e abre lugares para imagens possíveis para assim recuperar esperanças adormecidas em algum avesso esquecido. Sem utopias o sujeito é instado a se sacrificar e a fazer funcionar a estrutura social, colocando-se como instrumento do gozo do Outro, dirigido pelo que já se denominou de 'paixão pela instrumentalidade'.¹⁶

Assim pensada, a utopia é a energia pulsional transformada em força significativa no universo simbólico, com o destino criador e transformador da realidade. Construções utópicas são formulações do impensável em pensado; carregam consigo o novo, a subversão da ordem, a ruptura com o círculo de gozo, uma irrupção na compulsão à repetição, do sujeito e da cultura – outrora mencionados, e que Poli traz no seu texto. A utopia, no viés psicanalítico, possui sua funcionalidade enquanto recurso inventivo. Seu potencial está na capacidade de mobilização do sujeito, via sedução da fantasia, da poesia, ou até mesmo da ciência – tal como as promessas utópicas que, amparadas na ciência, esperavam grandes feitos para a humanidade. O movimento utópico tende a entrar em conflito com o imobilismo narcísico do eu ideal; eis as contingências das quais o sujeito emana.

¹⁶ POLI, Maria Cristina. *Leituras da clínica, escritas da cultura*. p. 50, 51.

Isso porque, se a tendência do Ego é fechar-se, fixar-se narcisicamente, por outro lado, o que vem de fora, necessariamente, continuará a afetar o sujeito, seguirá seu curso contingencial que o encontrará, invariavelmente. A inferência extraível dessas premissas é a da utopia como participante da constituição do sujeito na medida em que ela é a tradução inventiva das pulsões na composição simbólica da realidade. Mas isso enquanto força, energia; é nisso que ela preserva os paradoxos dos afetos do sujeito, posto que nessa configuração, anterior a qualquer descrição, a utopia não enquadra o afeto, não o submete às normatividades compulsórias de uma ordem social qualquer. Na psicanálise os lugares são rarefeitos pelos afetos; eles não são fixos, estão submetidos à linguagem – que no caso da utópico-poética, assim como na psicanalítica, por ser inventiva, é também lacunar, mas singular e múltipla, acessível apenas via o estabelecimento vincular do afeto (transferência), e o enfrentamento do desamparo (angústia). Nas palavras de Birman,

No fechamento do percurso freudiano, o ideário da cura já se apresentava, todavia, como sendo algo da ordem do impossível. Isso porque para o desamparo do sujeito não existe cura possível, pois frente a ele é preciso, ao sujeito, inventar para si novos destinos, para tornar a sua existência possível e prazerosa.¹⁷

O “mais possível novo quilombo de zumbi” já é o resultado de um movimento pulsional inventivo, com traços utópicos – daqueles que em um primeiro momento, oprimidos, escravizados, fizeram dos Quilombos sua existência possível e prazerosa, assim como a São Paulo que foi – e ainda é – o esteio existencial de quilombolas como os “novos baianos”. Diante do vazio existencial contemporâneo, frente à ausência de projetos existenciais, a força pulsional, traduzida na poética de Caetano Veloso em *Sampa*, convida o sujeito, na sua atualidade, a lançar-se no desconhecido do impensável, para de lá extrair sua existência possível.

¹⁷ BIRMAN, Joel. *Por uma estilística da existência*. p. 14.

BIBLIOGRAFIA

BIRMAN, Joel. *Por uma Estilística da Existência: sobre a psicanálise, a modernidade e a arte*. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. *O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

FREUD, S. *Obras Completas, volume 14: história de uma neurose infantil [“O homem dos lobos”], além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *Sobre o narcisismo: uma introdução*. In.: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: edição “standard” brasileira, vol. XIV*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, J. *O estádio do espelho como formador da função do eu*. In.: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

POLI, Maria Cristina. *Leituras da clínica, escritas da cultura*. Campinas: Mercado de Letras, 2012.